

WITTGENSTEIN E STRAWSON: INFLUÊNCIAS, REFORMULAÇÕES METAFILOSÓFICAS E QUESTÕES ATUAIS

WITTGENSTEIN AND STRAWSON: INFLUENCES, METAPHILOSOPHICAL
REFORMULATIONS AND CURRENT ISSUES

Lyon Alves¹

Resumo: Diante de um novo cenário informacional que reconfigura os modos de comunicação, cognição e produção de saber, a questão “o que é fazer filosofia?” adquire novos contornos metafilosóficos. Este artigo parte dessa indagação contemporânea para traçar um percurso histórico das influências que moldaram dois autores centrais da tradição analítica: Wittgenstein e Strawson; pensadores que, cada qual a seu modo, buscaram uma resposta metafilosófica capaz de iluminar a passagem da modernidade ao contexto atual. A proposta é apresentar como, a partir de heranças conceituais como a morfologia goethiana e o pensamento histórico-cultural de Spengler, Wittgenstein desenvolve uma filosofia voltada à linguagem ordinária e à cultura, e como Strawson, ao retomar e reinterpretar esse legado, propõe uma metafísica descritiva que aprofunda os compromissos analíticos com as estruturas conceituais ordinárias. O percurso adotado destaca inicialmente a relação entre Wittgenstein e Strawson no interior da filosofia britânica, evidenciando como essa interlocução promove um deslocamento do modelo terapêutico para uma análise gramatical mais sistemática. Em seguida, argumenta-se que a reinterpretação desses autores permite vislumbrar uma resposta atual à questão metafilosófica, situada entre o avanço científico, os compromissos culturais e a transformação das práticas linguísticas. Conclui-se que Wittgenstein e Strawson, embora distintos em abordagem, oferecem ferramentas conceituais complementares para enfrentar os desafios filosóficos do presente, por meio de uma reformulação crítica da tradição analítica.

Palavras-chave: Wittgenstein, Strawson, terapêutica, análise gramatical, metafilosofia

Abstract: *In the face of a new informational landscape that reconfigures modes of communication, cognition, and knowledge production, the question "what does it mean to do philosophy?" acquires new metaphilosophical contours. This article takes this contemporary inquiry as a point of departure to trace the historical development of influences that shaped two central authors of the analytic tradition: Ludwig Wittgenstein and P. F. Strawson, thinkers who, in their own ways, sought a metaphilosophical orientation capable of illuminating the transition from modernity to the current context. The study presents how, drawing on conceptual legacies such as Goethe's morphology and Spengler's historical-cultural thought, Wittgenstein develops a philosophy attentive to ordinary language and cultural forms, while Strawson, in revisiting this legacy, proposes a descriptive*

¹ Doutorando e Mestre em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com pesquisa na área de responsabilidade moral e Inteligência Artificial. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

metaphysics that deepens analytic commitments to ordinary conceptual structures. The article first examines the intellectual relationship between Wittgenstein and Strawson within British philosophy, showing how this dialogue shifts the focus from therapeutic method to a more systematic grammatical analysis. It then argues that the reinterpretation of these authors enables a renewed response to the metaphilosophical problem—one situated at the intersection of scientific development, cultural commitments, and transformations in linguistic practices. The conclusion suggests that Wittgenstein and Strawson, though distinct in approach, offer complementary conceptual tools to confront contemporary philosophical challenges through a critical reformulation of the analytic tradition.

Keywords: *Wittgenstein, Strawson, therapeutics, grammatical analysis, metaphilosophy*

1. Introdução

O objetivo central deste artigo é investigar a questão metafilosófica contemporânea: o que significa fazer filosofia diante dos desafios impostos pelo atual paradigma informacional? Em meio a transformações tecnológicas, culturais e científicas, torna-se necessário repensar os critérios, funções e fundamentos da atividade filosófica. Para esse fim, propomos um retorno a dois pensadores fundamentais do século XX, a saber, Ludwig Wittgenstein e P. F. Strawson, cujas obras indicam que os problemas filosóficos não surgem isoladamente, mas em conexão com processos históricos, estruturas linguísticas e contextos culturais específicos. A partir dessas perspectivas, buscamos delinear caminhos possíveis para uma reconfiguração do fazer filosófico à altura das exigências do presente.

As questões subjacentes ao fazer filosófico no contexto analítico britânico, no qual P. F. Strawson – junto a Bertrand Russell, Ludwig Wittgenstein, John Austin e Gilbert Ryle, entre outros – se destaca como um pensador fundamental, suscitam a necessidade de contextualização para o leitor contemporâneo, que, por óbvio, está temporal e culturalmente distante do cenário analítico do século XX. Esse é um dos eixos centrais de nossa arguição: o pensamento analítico de Wittgenstein e Strawson ao se constituir como resposta metodológica a um problema da crise da filosofia, é também uma postura filosófica diante da crise cultural, entendida aqui como conceitual, técnica e política. Esse é o pano de fundo que conecta as universidades de Cambridge e Oxford após a derrocada do idealismo neorromântico e hegeliano que dominava o pensamento filosófico britânico no final do século XIX.

No que diz respeito ao tema proposto, seguiremos os seguintes passos: i. apresentar Wittgenstein, considerando a influência indireta de Johann Wolfgang von Goethe e Oswald Spengler em sua perspectiva morfológica; ii. apresentar Strawson, destacando a influência que Wittgenstein exerceu em seu pensamento metafilosófico; iii. defender que a reformulação metodológica na filosofia de Strawson deve ser compreendida à luz do processo de influência mútua entre os dois autores; por fim, iv. indicar que, a partir das perspectivas de ambos, é possível vislumbrar um novo paradigma metafilosófico, capaz de responder aos desdobramentos culturais, científicos e linguísticos do presente, marcados pela emergência de uma realidade informacional que reconfigura profundamente as bases do pensamento filosófico.

2. Wittgenstein e seu quadro referencial

Quando estamos diante da obra de Wittgenstein, um ponto que facilmente se apresenta como uma dificuldade é identificar as influências e referências básicas da obra. Essa dificuldade já nos é indicada por ele no prefácio de *Tractatus logico-philosophicus*. O conteúdo de sua obra, segundo sua própria definição, é uma reprodução, uma reorganização do que deve ser a filosofia. E é entre tais ideias que buscamos elucidar a base metafilosófica do autor austríaco.

No que tange a tal pano de fundo, a base que movimenta a perspectiva filosófica do autor austríaco deve ser buscada em uma rede conceitual mais ampla, ou seja, na elucidação dos processos de influência em seu pensamento e de sua filosofia como extensão de problemas culturais. De fato, esse pano de fundo evidencia-se a partir da seguinte afirmação de Wittgenstein:

Acho que nunca inventei uma linha de pensamento, mas que ela sempre foi fornecida para mim por outra pessoa e não fiz mais do que adotá-la apaixonadamente para meu trabalho de esclarecimento. Foi assim que Boltzmann, Hertz, Schopenhauer, Frege, Russell, Kraus, Loos, Weininger, Spengler, Sraffa me influenciaram. (Wittgenstein, 1984, p. 19e, tradução nossa).

Nuno Ribeiro, no artigo intitulado *Goethe, Spengler e a morfologia da linguagem em Wittgenstein*, descreve a grande influência da concepção morfológica de Goethe no pensamento do filósofo austríaco após seu retorno a Cambridge em 1929.

Aquilo que a sua filosofia procura fazer é fornecer a morfologia do uso de uma expressão. O desenvolvimento da morfologia do uso de uma expressão em Wittgenstein viria a ser o resultado de uma aplicação ao domínio da linguagem do conceito de morfologia aplicado por Goethe, nos seus escritos científicos, ao domínio da natureza e por Oswald Spengler ao campo da história universal [...]. (Ribeiro, 2017, p. 173).

Mas em que consiste tal pressuposto e influência dos dois autores mencionados diante do desenvolvimento analítico wittgensteiniano? Para responder a essa questão, temos de ter em mente o quadro teórico e o intuito filosófico-histórico de Goethe e Spengler.

Goethe, em sua obra *A Metamorfose das Plantas* (1790), propõe que todas as partes de uma planta são variações de uma forma primordial,² que se transforma de acordo com condições externas e internas, diante da qual a experiência subjetiva e a observação direta do fenômeno são nucleares para a compreensão da realidade. Sua perspectiva holística tem por foco ir além de um mecanicismo de explicação do funcionamento da natureza; assim, sua abordagem morfológica busca apresentar como as formas evoluem, se transformam e se relacionam entre si ao longo do tempo, com o intuito de entender a forma e a transformação das entidades naturais. Ou seja, para Goethe, a compreensão da natureza não se faz mediante a teorização de suas partes isoladas, mas

² Entenda-se por “forma primordial” não uma entidade fixa ou platônica, mas sim um princípio dinâmico e imanente.

sim de suas conexões e transformações contínuas. Isso nos permite traçar um paralelo com a visão wittgensteiniana de que o significado da linguagem e da filosofia não é fixo, uma vez que ela ocorre em, ou entre, contextos e práticas diversas.

Oswald Spengler, como extensão do processo de influência, concebe a história das culturas sob uma perspectiva morfológica inspirada em Goethe, comparando o desenvolvimento das civilizações a organismos vivos que passam por ciclos de nascimento, maturidade e decadência. Em sua visão, a cultura ocidental está em um período final e, nessa fase, constata-se o tecnicismo, a fragmentação do conhecimento e a perda de um sentido unificador, substituído pelo pragmatismo e pela mecanização da vida social.

Wittgenstein assimilou essa estrutura morfológica (naturalista e histórica) ao refletir sobre a relação entre linguagem e civilização, considerando sua filosofia como um esforço contra a dissolução das formas culturais de pensamento (Deangelis, p. 33, 2017). Assim como Spengler, ele via sua época como um tempo de crise cultural, na qual a linguagem e o pensamento filosófico haviam perdido sua razão de ser. No entanto, enquanto Spengler via a decadência como um destino inevitável, Wittgenstein rejeita qualquer determinação histórica. Sua perspectiva metafilosófica, portanto, ecoa a visão de Spengler, mas como uma tentativa de reformulação do pensamento filosófico em meio à crise civilizacional e filosófica.

O conceito central de morfologia que atravessa a obra tanto de Spengler quanto de Wittgenstein possui raízes na seguinte definição de Goethe:³

Morfologia [:] reside na convicção de que tudo o que existe se deve também indicar e mostrar por si próprio. Desde os primeiros elementos físicos e químicos à exteriorização anímica dos homens, afirmamos que este princípio é válido. Voltamo-nos logo para aquilo que tem forma. O inorgânico, o vegetativo, o animal, o humano todo se indica a si próprio, aparece tal como é ao nosso sentido externo e interno. A forma é algo em movimento, algo em devir, algo em passagem. A doutrina da forma é a doutrina da transformação. A doutrina da metamorfose é a chave para todos os sinais da natureza. (Goethe, 1987, p. 349).

Para Wittgenstein, Goethe oferecia um caminho alternativo ao paradigma explicativo da ciência moderna, valorizando a descrição cuidadosa e a experiência direta (Waismann, 2003, p. 311).

Importa destacar que o ponto principal aqui não diz respeito a uma influência direta no conteúdo das ideias, mas sim a uma influência de ordem formal, ou seja, a filosofia analítica como uma resposta a uma série de questões que remontam, no mínimo, até o início da modernidade.⁴ É

³ Wittgenstein afirma, no decurso das lições sobre a filosofia da psicologia, ocorridas entre 1946 e 1947, que aquilo que a sua filosofia procura fazer é fornecer a morfologia do uso de uma expressão.

⁴ Cf. Alves (2025).

nesse sentido que se defende que tal influência constitui o correlato direto de uma posição metafilosófica: trata-se de uma forma de pensar e de fazer filosofia que se expressa nas escolhas metodológicas e nos modos de abordagem dos problemas (Lazerowitz, 1970, p. 91), mais do que em teses ou doutrinas específicas.

Aquilo que se mostra por si próprio, ou o que não se esconde, mas, antes, está manifesto e não precisa de dedução, bem como o movimento e suas múltiplas ligações, são dois pilares presentes na teoria wittgensteiniana. Podemos resumir sua tarefa como

[...] o resultado de uma aplicação ao domínio da linguagem do conceito de morfologia aplicado por Goethe, nos seus escritos científicos, ao domínio da natureza e por Oswald Spengler ao campo da história universal, como se pode constatar na obra *A Decadência do Ocidente – Esboço de uma Morfologia da História Universal*, a qual se constitui como uma das fontes de acesso – por parte de Wittgenstein – a aspetos fundamentais da morfologia goethiana. [...]. Assim, tendo em consideração todos os elementos apresentados, o pensamento de Wittgenstein viria a reapropria-se dos dois elementos supramencionados presentes na caracterização goethiana do método morfológico. (Ribeiro, 2017, p. 173-179).

Portanto, a influência de Goethe e Spengler na filosofia de Wittgenstein ocorre pela articulação do movimento teórico entre ambos os autores.

A centralidade de uma concepção morfológica naturalista que se debruça sobre o que se mostra por si próprio, bem como a prática do uso justificada pelas múltiplas ligações possíveis em movimento, está no núcleo do desenvolvimento da morfologia wittgensteiniana, pois ela é uma recondução das “palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano” (IF⁵ §116), bem como uma resposta à questão sobre *o que é a filosofia*, pois em sua definição: “A filosofia não deve, de modo algum, tocar no uso efetivo da linguagem; em último caso, pode apenas descrevê-lo. Pois também não pode fundamentá-lo. A filosofia deixa tudo como está” (IF §124).

Dessa forma, a influência de Spengler e da morfologia goethiana no pensamento de Wittgenstein ocorre em um nível estrutural. A concepção de formas dinâmicas e em transformação permeia sua investigação da linguagem, enquanto sua visão crítica da modernidade resulta em um pensamento que não busca estabelecer sistemas definitivos, mas, sim, diagnosticar os impasses conceituais do pensamento de sua época (Wittgenstein, 1984, p. 6e).

Longe de simplesmente reproduzir as ideias de Spengler ou Goethe, Wittgenstein reelabora essas influências em um projeto filosófico singular, no qual a análise da linguagem e a crítica da civilização convergem em uma tentativa de revelar as forças estruturais que moldam nossa compreensão do mundo. É nesse ponto que seu trabalho se afasta do historicismo e da necessidade de grandes esquemas explicativos, mantendo, porém, o pressuposto de que compreender a linguagem e a cultura requer uma atenção às formas em seu desenvolvimento no mundo.

⁵ “Investigações Filosóficas”, doravante também IF.

Considerar o contato entre os autores supracitados nos permite compreender a razão pela qual Wittgenstein nunca formulou um sistema filosófico fechado, principalmente diante da questão moral. Seu projeto não consiste em definir a essência da linguagem, mas em revelar as formas como ela se manifesta. Essa perspectiva, herdada de Goethe e reformulada por Spengler, o distancia tanto do idealismo alemão quanto do empirismo lógico, ao priorizar a descrição das formas de vida sobre qualquer tipo de explicação causal ou normativa.

Obviamente, os elementos que estamos considerando aqui são apenas os movimentos de influência no pensamento de Wittgenstein; nisso, temos a junção de trabalhos de revisão histórica e o esforço exegético de elucidar tais influências em seus escritos. Porém, devido ao espaço, não nos concentraremos nos pormenores dessa rede teórica. Nossa intenção não é esgotar a rede de influências teóricas de Wittgenstein, mas apenas evidenciar os fundamentos de sua abordagem metafilosófica. A partir disso, podemos compreender como sua filosofia influenciou Strawson e como ambos compartilham uma visão crítica da crise da filosofia, ainda que adotem métodos distintos.

3. Strawson e seu quadro referencial

O contexto filosófico no Reino Unido no qual se inseria Strawson tinha como tema central a definição do papel da filosofia por meio da pergunta “o que é a filosofia?”. Esse tema era visto, em grande parte, a partir de duas perspectivas distintas, que gravitavam em torno de duas concepções centrais: as de Austin e de Wittgenstein, duas posições emergentes no período. Em Oxford, as duas tendências também norteavam o método de pesquisa, no qual Ryle se destacava em oposição teórica a Austin. Strawson, sob a orientação de Ryle, se aproximou da filosofia wittgensteiniana, principalmente em sua fase tardia (Techio, 2019, p. 190-193).

Strawson cita, em sua autobiografia (Strawson, 2019b), que Wittgenstein é um dos pensadores com maior influência em sua visão sobre qual deve ser a tarefa filosófica em geral. Para ele, o pensador austríaco foi quem melhor entendeu como tal tarefa deve ser realizada. Diz Strawson:

[...] se eu compartilho da concepção de alguém sobre qual deve ser nosso objetivo ou objetivo filosófico geral, é, se o entendi corretamente, o de Wittgenstein, pelo menos em sua última fase. Ou seja, o nosso negócio essencial, se não o único, é obter uma visão clara do funcionamento de nossos conceitos ou tipos de conceitos mais gerais e de seu lugar em nossas vidas. Em suma, deveríamos estar objetivando a autocompreensão conceitual humana geral. (Strawson, 2019b, p. 18).

No entanto, Strawson se distancia da visão terapêutica de ao defender uma perspectiva diferente em termos metafilosóficos. A filosofia como análise gramatical é a posição strawsoniana no que diz respeito ao uso e à base mínima dos nossos conceitos, mas muito de seu desenvolvimento se assenta no compromisso já apresentado por Wittgenstein.

Strawson encontra em Wittgenstein a melhor base para responder à questão sobre qual deve ser a tarefa de um filósofo, e que o material, ou objeto, de tratamento se encontra na linguagem cotidiana, em suas formas de imagens ideais de vida. Dito de outra forma, para Strawson, o núcleo daquilo que deve ser o objeto de investigação filosófica é apresentado com competência e clareza por Wittgenstein, sendo ele quem melhor expôs a forma do problema filosófico. Assim, sua perspectiva é a de que o empreendimento filosófico central deve ser o da análise da linguagem.

Porém, o *enfoque temático* entre ambos é distinto. Isso é notório quando Strawson aponta que Wittgenstein toma uma postura terapêutica, enquanto a sua perspectiva, diante do mesmo tema, é a de considerar a linguagem a partir de sua analogia com a gramática.⁶

Se há concordância por parte de Strawson diante da primeira questão (temática), o mesmo não se segue no restante, ou seja, na postura a ser tomada (perspectiva metafilosófica) e no método de análise (relação entre epistemologia, ontologia e lógica). Diante da aproximação e distância entre tais pontos, ele afirma:

Mas agora pode-se colocar a seguinte pergunta: quais são as relações entre esta explicação da tarefa filosófica, que usa a analogia com a gramática, e a explicação wittgensteiniana que usa a analogia terapêutica? É claro que têm bastante em comum. Ambas dão muita importância ao uso efetivo dos conceitos nas suas esferas próprias — sejam preocupações correntes da vida cotidiana ou as preocupações profissionais dos engenheiros, fisiologistas, historiadores, contadores ou matemáticos. Sugerem ambas que, de algum modo, a verdade salvadora reside na efetiva utilização dos conceitos. Mesmo assim, é evidente que o espírito e objetivos das duas analogias são significativamente diferentes. Na analogia gramatical sugere-se um sistema; uma estrutura subjacente a ser revelada; ou até uma explicação. Há a sugestão de adicionar ao domínio prático algo como uma compreensão teórica do que estamos a fazer quando no exercício desse domínio. A analogia terapêutica, por outro lado, parece ter um espírito mais negativo. Não se trata de construir um sistema, mas “reunir lembretes” com um determinado fim; liberar-nos das confusões e perplexidades em que caímos quando os conceitos permanecem ociosos na mente [...]. (Strawson, 2002, p. 23).

A oposição por parte de Strawson se origina da forma como o filósofo austríaco teoriza a linguagem sem considerar quaisquer aspectos implícitos, pois, segundo a postura terapêutica, o que importa é o uso efetivo, sua conexão natural e sua estrutura de interconexões, ou visão panorâmica do uso de nossas palavras (IF §122).

A terapêutica é descrita como um aspecto necessário da clarificação conceitual, no entanto, Strawson defende que a filosofia pode ir além desse papel terapêutico, retomando questões que

⁶ Não no sentido de regras gramaticais, mas no sentido de operação competente de um conjunto de ideias expressas no uso linguístico como comunicação.

Wittgenstein considera alheias ao desenvolvimento filosófico, como a análise estrutural dos conceitos e sua aplicabilidade metafísica, como os conceitos: liberdade, verdade e conhecimento. Isso se deve, em parte, ao fato de que o pensamento wittgensteiniano, em seu eixo metafilosófico, se alinha a uma concepção de linguagem mais próxima da morfologia goethiana, na qual as formas de vida e os usos da linguagem são vistos como processos dinâmicos e históricos. Com isso, ele não pretende refutar a concepção terapêutica; ele aponta que ela é necessária, indicando que esta possui seus méritos (Strawson, 2002, p. 16). No entanto, o filósofo londrino afirma que Wittgenstein minimizou algumas características comuns que fazem parte de nossa estrutura geral. Com essa posição, Strawson quer seguir um caminho diferente, pois considera que, na tentativa de reorientar o uso da nossa linguagem, Wittgenstein acabou dando uma definição exagerada da terapêutica no que diz respeito à consideração de nossa estrutura psicológica.

O interesse de Strawson depreende-se com mais clareza quando o lemos a partir de sua reformulação da discussão metafísica. A partir desse ponto de interpretação, percebe-se que sua modificação diante da terapêutica tem como pano de fundo uma retomada da metafísica; e é por meio de sua metafísica descritiva que ele pretende expor as bases do nosso esquema conceitual, pois, para ele:

Até certo ponto, a confiança em um exame atento do uso real das palavras é o melhor e, de fato, o único caminho seguro na filosofia. Mas as discriminações que podemos fazer e as conexões que podemos estabelecer dessa maneira não são suficientemente gerais, nem são suficientemente extensas para satisfazer as exigências metafísicas completas de entendimento, depois, quando perguntamos como usamos essa ou aquela expressão nossas respostas embora reveladoras em um determinado nível, tendem a supor, e não a expor, aqueles elementos gerais da estrutura que o metafísico quer revelado. A estrutura que ele procura não se mostra na superfície da linguagem de imediato, mas jaz submersa. (Strawson, 2019a, p. 14).

Assim, ele sugere que há um aspecto de avaliação explícito e outro implícito da linguagem. O primeiro desconsidera qualquer busca submersa na linguagem, pois tudo o que tem de ser avaliado, de certa forma, já está à mostra. O segundo tenta apresentar um aspecto positivo (não obstante os inúmeros problemas que se levantam) subjacente ao pensamento, que não se reduz a uma teoria formal.

Strawson não se opõe ao conhecimento explícito; pelo contrário, ele o considera uma importante ferramenta de correção do uso dos conceitos. A ideia central que sustenta o que ele quer apresentar por análise gramatical é: “mostrar as diferenças e semelhanças entre os vários departamentos da vida intelectual humana. Desse modo, as duas tarefas fundem-se numa só.” (Strawson, 2002, p. 28).

Há, portanto, uma separação ou reinterpretação da base filosófica wittgensteiniana que vai se desenhando na obra de Strawson e que resulta em sua posição da filosofia como análise gramatical.⁷

Se a terapêutica, considerada por Wittgenstein como o caminho mais seguro para a filosofia, representa apenas o aspecto negativo da análise, resta saber de que modo o aspecto positivo, representado por uma análise gramatical, pode ser sustentado. Qual é, então, o eixo de inflexão a partir do qual Strawson reformula a questão? Para responder a essa pergunta, destacaremos os principais elementos de sua perspectiva metafilosófica.

4. Strawson e sua posição metafilosófica

Afirmamos que a morfologia de Wittgenstein possui dois eixos oriundos da influência de Goethe e Spengler: o de transpor para a linguagem o método aplicado por Goethe ao domínio das ciências naturais e o de transpor para a linguagem o método aplicado por Spengler ao campo da história universal. Esse empreendimento reflete não apenas um dilema filosófico em aberto, que é passível de tratamento por uma postura analítica, mas reflete, sobretudo, a posição wittgensteiniana diante dos desdobramentos culturais e científicos de seu tempo, principalmente quanto à temática naturalista.

Não é possível assegurar se Strawson sabia ou não da ligação goethiana no pensamento de Wittgenstein. Ao menos nas bibliografias aqui consideradas, o autor londrino indica apenas as semelhanças entre Hume e Wittgenstein no que diz respeito ao eixo naturalista.

E naturalmente, existem diferenças entre Hume e Wittgenstein. Por exemplo, em Wittgenstein não encontramos nenhuma repetição explícita do apelo bastante explícito de Hume à natureza. Mas, como veremos, as semelhanças inclusive os ecos são mais surpreendentes que as diferenças. (Strawson, 2008, p. 26).

Em outra passagem também cita:

Este é um esboço (que o próprio Wittgenstein completa com muito mais força e sutileza) de um enfoque puramente naturalista, uma redução naturalista, poder-se-ia dizer, da questão do significado – e de tudo o que a acompanha. Mas, é claro, devemos nos perguntar se essa abordagem abrange realmente os fenômenos – todos os fenômenos. Pode realmente fazer justiça à nossa experiência, à experiência, por exemplo, de reconhecer coisas particulares como pertencentes a certa classe ou caráter geral? Pode realmente fazer justiça, para ecoar a frase usada agora há pouco, à fenomenologia do pensamento? Pode mesmo – para parodiá-la – fazer justiça à maneira como concordamos em achar natural falar de nossa experiência, de nosso pensamento e de nossa própria fala? (Strawson, 2008, p. 95).

⁷ Por análise, não entenda-se uma *decomposição* conceitual, como se entende o termo etimologicamente, pois no pensamento strawsoniano o termo remete à relação tri-departamental (epistemologia, ontologia e lógica) e na circularidade presente naturalmente em uma estrutura mínima, espaço-temporal, para o uso intersubjetivo de particulares (Strawson, 2002, 2019b).

Há uma lacuna que Strawson considera insuficiente na terapêutica. O elemento naturalista em Wittgenstein versa sobre os modos de vida que fornecem a possibilidade descritiva para reunir lembretes daquilo que deve ser o uso efetivo de nossa linguagem. Sendo assim, a limpeza conceitual, que é importante, precisa, segundo Strawson, ser completada se quisermos definir a natureza do fazer filosófico.

O próprio Strawson indica que estamos diante de um autor que nos fornece inúmeras interpretações, e ele não é categórico em afirmar uma interpretação que evoque uma insuficiência tácita do filósofo austríaco. Antes, o que ele propõe é, assim aponta Glock (2011, p. 52), uma reorientação para a discussão das bases implícitas de nossos conceitos, de modo a expor a ligação entre ontologia, epistemologia e lógica. O naturalismo de Strawson tem por objetivo assumir uma característica diferente, não redutiva, não pressuposicional dos nossos conceitos; isso só é possível ao considerar elementos implícitos dos nossos comprometimentos psicológicos (natural-liberal) sustentado pela sua posição de uma metafísica descritiva. Em suas palavras, “A metafísica foi amiúde revisionista e, com menos frequência, descritiva. A metafísica descritiva contenta-se em descrever a estrutura real do nosso pensamento sobre o mundo [...]” (Strawson, 2019a, p. 14).

O que lhe interessa, nessa perspectiva, é o núcleo que não se altera, um núcleo humano que não possui história (Strawson, 2019a, p. 15), e que pode ser problematizado com o aporte implícito, destacando como o fundamento de correção de qualquer uso externo de nossos conceitos é considerado por uma reorientação do eixo naturalista de Wittgenstein.

O pilar de transposição histórica de Spengler em Wittgenstein é alterado na obra de Strawson pela reinterpretação de diversos autores metafísicos. O filósofo londrino quer dar um passo atrás e considerar um vínculo entre conceitos explícitos e implícitos por meio de nossas interações naturalmente dadas.

O que Strawson considera uma resposta para a questão metafilosófica é a reorientação da filosofia analítica a questões sobre a possibilidade de conhecimento. Trata-se, portanto, de uma mudança para um fazer filosófico cuja gramática científica seja vista como uma, entre várias, das formas de nossos compromissos com a realidade. Neste ínterim, ele defende que a postura filosófica, em tal contexto, impele o teórico à necessidade de reinterpretar a história da filosofia, para que não caiamos em uma espécie de empirismo incompleto e de um utilitarismo de um olho só, pois “Nenhum filósofo entende seu predecessor até que tenha repensado seu pensamento em seu próprio vocabulário contemporâneo e é característico dos maiores filósofos, com Kant e Aristóteles, que eles, amis do que quaisquer outros, recompensem esse esforço de repensar.” (Strawson, 2019a, p. 15).

Em síntese, entendo a filosofia analítica como resposta à crise da filosofia, Wittgenstein propõe uma reconfiguração profunda da prática filosófica, recusando a construção de esquemas metafísicos e deslocando o foco da fundamentação para a descrição dos usos ordinários da linguagem, com o intuito de dissolver os pseudoproblemas que surgem de seu uso deslocado; em contraste, Strawson retoma esse legado, mas o reorienta em direção a um compromisso metafilosófico distinto, no qual a filosofia não apenas descreve o uso, mas busca explicitar as condições de possibilidade dos nossos juízos e práticas conceituais, incluindo justamente aquelas regiões que o autor austríaco havia deixado de lado, como a estética, a moral e a metafísica.

5. Novo paradigma metafilosófico

A partir do percurso que traçamos entre ambos os autores, torna-se possível vislumbrar a necessidade de um novo deslocamento na filosofia da linguagem. Se, por um lado, Wittgenstein respondeu a uma crise cultural e epistêmica por meio de uma terapêutica da linguagem ordinária, e Strawson propôs uma reinterpretação metafísica dos nossos compromissos conceituais, por outro, o cenário contemporâneo exige repensar a própria base racional sobre a qual essas respostas foram construídas.

O paradigma contemporâneo que atravessa a produção filosófica atual é o paradigma informacional, expresso na reontologização e reepistemologização do mundo, agora hiperconectado, no qual humanos, tecnologias, ecologias e formas distintas de vida estão profundamente entrelaçados reticularmente (Floridi, 2023, p. 9). Esse novo contexto emerge do avanço das tecnologias digitais, da proliferação de dispositivos integrados (*Internet of Things*), e do horizonte ainda incipiente, mas promissor, da computação quântica. Trata-se, portanto, de um cenário no qual a comunicação, a cognição e a própria racionalidade são mediadas por sistemas técnico-informacionais, exigindo uma reavaliação dos fundamentos filosóficos à luz dessas novas formas tecnológicas.

Reconstruir as questões filosóficas basilares (tendo em vista a epistemologia, ontologia e semântica) é o primeiro passo para que uma formulação adequada da metafilosofia contemporânea possa ser corretamente colocada. Isso se deve ao fato de que à filosofia cabe fazer distinções conceituais e compreender as conexões entre os conceitos sobre os quais dinamizamos nossos saberes. No ponto em que nos situamos, ao falar de um contexto ou paradigma que nos impele a uma metafilosofia atual, temos em mente três aspectos principais:

- O atual estágio tecnocientífico introduz uma nova conjuntura de racionalidade na esfera pública.
- A racionalidade não surge isoladamente, mas é fruto de uma longa cadeia de desenvolvimentos históricos e culturais, dos quais as ciências e tecnologias informacionais são apenas desdobramentos ou externalizações.
- As formas e os problemas filosóficos que daí emergem não são simples decorrências dessas tecnologias, tampouco podem ser reduzidos a respostas funcionais.

Em outras palavras, a questão filosófica propriamente dita não consiste apenas em alinhar princípios ou definir conceitos para resolver um problema pontual de alguma ciência específica. Ela exige a retomada crítica dos compromissos de fundo que sustentam esses sistemas, sejam eles ontológicos, epistemológicos, lógicos ou culturais.

O atual estado da questão evoca uma reflexão sobre as novas formas de relação e os novos espaços públicos de argumentação. Vivemos em um mundo cuja comunicação é incessante, descentralizada e mediada por dispositivos que extrapolam o uso humano tradicional da linguagem. A velocidade com que conceitos circulam, a multiplicidade de seus usos e a presença cada vez maior de agentes não-humanos no processo comunicativo (algoritmos, inteligências artificiais, redes simbólicas automatizadas) alteram significativamente as condições cognitivas, afetivas e epistêmicas da vida ordinária.

Nesse contexto, retomar Wittgenstein e Strawson não implica simplesmente aplicar suas propostas aos novos objetos, mas redimensionar suas perguntas à luz da expansão comunicacional contemporânea. A linguagem, tradicionalmente compreendida como um traço distintivo do humano, passa a ser observada dentro de um escopo mais amplo: o da comunicação enquanto potência transversal, presente na natureza, nos sistemas técnicos e nos arranjos simbólicos que estruturam a vida social.

A constituição do “ideal de vida” não se dá mais apenas na interioridade da reflexão ou no embate cultural direto, mas é moldada por linguagens automatizadas que sugerem, filtram e distribuem visões de mundo.

É nesse ponto que sugerimos uma ampliação da metafilosofia proposta por ambos os autores, ou seja, uma investigação não apenas das condições naturais e psicológicas da linguagem ordinária, mas também das estruturas comunicacionais que hoje participam da sua gênese e difusão. Tal proposta exige que a filosofia da linguagem dialogue com a fenomenologia da comunicação, reconhecendo que o problema linguístico se insere em um campo simbólico e informacional mais amplo.

Portanto, uma nova perspectiva filosófica, ou melhor, uma resposta metafilosófica à altura das transformações atuais, exige retomar a preocupação central de Wittgenstein: fazer filosofia em um espaço de relações no qual a cultura não apenas informa, mas condiciona e redireciona os próprios jogos conceituais. Hoje, esse espaço é amplamente moldado pelo avanço das ciências cognitivas, psicológicas e neurocientíficas, que transformam os contornos tradicionais da epistemologia e da linguagem. Por outro lado, a metodologia proposta por Strawson oferece um complemento decisivo: ela nos permite estender essa reflexão metafilosófica aos elementos implícitos que sustentam os próprios métodos científicos, revelando os compromissos e jogos referenciais que operam em nossos meios ordinários de contato linguístico.

Portanto, uma perspectiva atual da filosofia frente ao paradigma informacional tem por preocupação basilar, primeiramente, uma resposta sobre a natureza do fazer filosofia, mais do que a resolução de dilemas e preocupações pontuais. Essa ótica, vislumbrada em ambos os autores e aqui proposta como sua extensão ao nosso tempo, exige, parafraseando Brandom (2001), que tornemos explícitos todos os nossos compromissos linguísticos.

O que está em jogo não é abandonar os marcos analíticos anteriores, decidindo por uma ou outra visão específica, mas recalibrá-los: a filosofia segue comprometida com a clareza conceitual, mas agora diante de um universo onde símbolos, dados, imagens e narrativas disputam espaços de sentido em ritmo acelerado. Ao fazê-lo, a filosofia reafirma seu papel crítico não apenas como análise do uso, mas como reflexão sobre as condições emergentes da vida comunicacional.

6. Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo buscaram não apenas reconstruir um elo interpretativo, mas também apontar para a possibilidade de reposicionar a questão metafilosófica frente ao atual paradigma informacional. Mais do que um exercício descritivo, trata-se de reconhecer que a própria prática filosófica, seus métodos e seus compromissos conceituais, exigem constante revisão; especialmente quando confrontados com transformações radicais nos modos de produção, transmissão e recepção do saber.

Wittgenstein e Strawson, cada um a seu modo, nos oferecem respostas que nascem de contextos específicos, profundamente marcados por crises culturais, epistêmicas e normativas, ou seja, são expressões de um mesmo gesto filosófico: o de reconduzir o discurso filosófico a uma gramática do mundo em seu contexto cultural. Contudo, esse gesto, que já pressupunha a necessidade de uma filosofia atenta à historicidade e à linguagem ordinária, precisa agora ser relido

à luz do presente, em que a linguagem se vê atravessada por redes digitais e formas de comunicação não previstas nos moldes clássicos.

Nesse novo cenário, a questão “o que é fazer filosofia?” exige uma formação filosófica consciente de sua conexão com a cultura (explicitação da razão).

Há, portanto, uma tensão entre o esforço de preservar o núcleo crítico da filosofia e a necessidade de reconectar essa crítica aos compromissos históricos, simbólicos e técnicos que moldam nossas práticas discursivas atuais.

A linguagem e a normatividade, nesse novo contexto, já não podem ser pensadas exclusivamente a partir de um chamado “desinflacionamento” das questões filosóficas, pois esse movimento frequentemente se traduz em uma recusa aos temas plurais e multiculturais, como a religião, a arte, a literatura, a autobiografia e o regionalismo. Relegar esses domínios à condição de meras expressões de uma racionalidade tribal, e, portanto, indignas de compor a esfera pública de razões, é ignorar que, no paradigma informacional, são justamente essas formas consideradas “não racionais” que movimentam uma ampla gama de compromissos tácitos. Compromissos que se refletem, inclusive, na maneira como empregamos e desenvolvemos tecnologias avançadas. A filosofia, se quiser continuar a pensar criticamente, precisa lidar com essa complexidade.

É nesse ponto que se torna ainda mais necessário revisitar autores como Wittgenstein e Strawson, não para repetir suas teses, mas para reencontrar neles uma postura de escuta filosófica diante do atual estágio cultural. Ambos entenderam, em graus distintos, que a filosofia não é exterior ao mundo que a produz, mas está imbricada em seus modos de vida. Hoje, esses modos de vida estão em transformação, e com eles transformam-se também os modos de significar, de julgar, de avaliar, de se comprometer.

Uma resposta atual à pergunta “o que é fazer filosofia?” deve reconhecer essa mutação. Deve, sobretudo, recusar tanto o desinflacionamento superficial das questões quanto a hiperespecialização que aliena a filosofia de seus compromissos públicos. O pensamento filosófico permanece necessário, talvez mais do que nunca, mas sua renovação depende de nossa capacidade de integrar crítica e história, técnica e simbolismo, ciência e cultura. Isso significa ampliar o foco da filosofia da linguagem para uma filosofia da comunicação.

Por fim, é necessário salientar que este artigo não oferece uma resposta conclusiva, mas apenas indica uma lacuna possível para o desenvolvimento de uma consideração metafilosófica contemporânea. A proposta aqui delineada requer ainda muitos desdobramentos históricos e conceituais, especialmente no que se refere à articulação entre filosofia, ciência e cultura no

contexto informacional. Trata-se de um convite à continuidade da investigação e não de sua resolução definitiva.

Referências bibliográficas

- ALVES, Lyon. Responsabilidade moral e neokantismo sobre a questão metafísica. **Aufklärung: Journal of Philosophy**, v. 12, n. 1, p. 137–148, 2025.
- BRANDOM, Robert. **Making It Explicit: reasoning, representing, and discursive commitment**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- DEANGELIS, William James. **Ludwig Wittgenstein – A cultural point of view: philosophy in the darkness of this time**. New York: Taylor & Francis Group, 2017.
- FLORIDI, Luciano (Org.). **The Onlife Manifesto**. Cham: Springer International Publishing, 2015. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-3-319-04093-6>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- GLOCK, Hans-Johan. **O que é a filosofia analítica?** Porto Alegre: Penso, 2011.
- HACKER, Peter Michael Stephan. **Wittgenstein's Place in Twentieth-Century Philosophy**. Oxford: Blackwell, 1996.
- LAZEROWITZ, Morris. A Note on 'Metaphilosophy'. **Metaphilosophy**, v. 1, n. 1, p. 91–91, 1970.
- RIBEIRO, Nuno. Goethe, Spengler e a morfologia da linguagem em Wittgenstein. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 15, n. 1, 2017.
- STRAWSON, Peter Frederick. **Análise e metafísica: uma introdução à filosofia**. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.
- _____. Liberdade e ressentimento. In.: CONTE, J.; GELAIN, I. L. (Orgs.). **Ensaio sobre a filosofia de Strawson**. Florianópolis: da UFSC, 2015, p. 245–269.
- _____. **Ceticismo e Naturalismo: algumas variedades**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008.
- _____. **Indivíduos: um ensaio de metafísica descritiva**. São Paulo: Editora UNESP, 2019a.
- _____. Um fragmento de autobiografia intelectual. In.: CONTE, J.; GELAIN, I. L. (Orgs.). **P. F. Strawson e a Tradição Filosófica**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019b.
- TECHIO, Jônadas. Strawson e Wittgenstein. In.: CONTE, J.; GELAIN, I. L. (Orgs.). **P. F. Strawson e a Tradição Filosófica**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.
- WAISMANN, Friedrich. **The Voices of Wittgenstein: The Vienna Circle**. London: Routledge, 2003.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Culture and Value**. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- _____. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- _____. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: EdUSP, 2020.